

CARACTERIZAÇÃO DA AUTONOMIA DOS PESQUISADORES EDUCACIONAIS A PARTIR DE RELATOS SOBRE SEUS PROCESSOS DE FORMAÇÃO E PRÁTICA PROFISSIONAL

Elaine da Silva Machado¹
Universidade Estadual de Londrina

Sergio de Mello Arruda²
Universidade Estadual de Londrina

Marinez Meneghello Passos³
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO

Neste artigo apresentamos os resultados de uma investigação que teve como objetivo caracterizar a autonomia de pesquisadores educacionais a partir das relações que eles estabeleceram em seus processos de formação e prática profissional. Os dados foram obtidos a partir de relatos apresentados por esses profissionais em um questionário disponibilizado em uma plataforma on-line. As análises foram fundamentadas na abordagem qualitativa e na técnica de Análise de Conteúdo, com o uso de categorias *a priori* provenientes de um instrumento analítico que elaboramos. Dentre os resultados, caracterizamos a autonomia dos pesquisadores educacionais sob a presença e ausência do interesse e da liberdade, em relações que envolveram o exercício da ética, habilidades e disposições políticas, e o desenvolvimento do próprio conhecimento. Em algumas situações, os pesquisadores também realizaram suas pesquisas sob o exercício da docência, com ênfase nas relações para negociar recursos, atender aos seus interesses sobre a escolha da área e dos temas de pesquisa, e para aprimorar o próprio conhecimento. Concluímos a respeito da relevância da autonomia para a formação e atuação dos pesquisadores; da prática de valores, como a responsabilidade, o respeito, e o diálogo; da capacidade do instrumento de análise utilizado; e de possíveis encaminhamentos para estudos futuros.

Palavras-chave: Autonomia; Pesquisa em Educação; Formação de pesquisadores educacionais.

¹ Doutora em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bolsista de Pós-doutorado (CNPq), no Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Paraná, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Inês Wietcoski, 188. Tijucas – SC. Brasil. CEP: 88-200-000. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6054-9164>. E-mail: elainemachado.bio@gmail.com.

² Doutor em Educação, Universidade de São Paulo (USP). Professor Sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Endereço para correspondência: Rua Professor Samuel Moura, 328 – apto. 1502. Londrina – PR. Brasil. CEP: 86061-060. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4149-2182>. E-mail: sergioarruda@uel.br.

³ Doutora em Educação para a Ciência pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora sênior da Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil. Professora colaboradora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Cornélio Procopio, Paraná, Brasil. Endereço para correspondência: Rua Professor Samuel Moura, 328 – apto. 1502. Londrina – PR. Brasil. CEP: 86061-060. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8856-5521>. E-mails: marinezpasseos@uel.br e marinez@uenp.edu.br.

CHARACTERIZATION OF THE AUTONOMY OF EDUCATIONAL RESEARCHERS BASED ON REPORTS ABOUT THEIR TRAINING PROCESSES AND PROFESSIONAL PRACTICE

ABSTRACT

In this article, we present the results of an investigation that had the objective to characterize the autonomy of educational researchers based on the relationships they establish in their training processes and professional practice. The data were obtained from reports presented by these professionals in an online questionnaire. The analyses were based on the qualitative approach and the Content Analysis technique, using a priori categories from an analytical instrument that we developed. Among the results, we characterized the autonomy of educational researchers regarding the presence and absence of interest and liberty in relationships involving the exercise of ethics, skills, and political dispositions, and the development of knowledge itself. In some situations, researchers also developed their research under the exercise of teaching, emphasizing relationships to negotiate resources, meet their interests in choosing the area and research topics, and improve their knowledge. We conclude on the relevance of autonomy for the training and performance of researchers, the practice of values such as responsibility, respect, and dialogue, the capacity of the analysis instrument used, and possible directions for future studies.

Keywords: Autonomy; Research in Education; Training of educational researchers.

CARACTERIZACIÓN DE LA AUTONOMÍA DE LOS INVESTIGADORES EDUCATIVOS A PARTIR DE INFORMES SOBRE SUS PROCESOS DE FORMACIÓN Y PRÁCTICA PROFESIONAL

RESUMEN

En este artículo presentamos los resultados de una investigación que tuvo como objetivo caracterizar la autonomía de investigadores educativos a partir de las relaciones que establecieron en sus procesos de formación y práctica profesional. Los datos se obtuvieron de los informes presentados por estos profesionales en un cuestionario disponible en una plataforma online. Los análisis se basaron en el enfoque cualitativo y la técnica de Análisis de Contenido, utilizando categorías a priori de un instrumento analítico que desarrollamos. Entre los resultados, caracterizamos la autonomía de los investigadores educativos respecto de la presencia y ausencia de interés y libertad, en relaciones que involucraron el ejercicio de éticas, habilidades y disposiciones políticas, y el desarrollo del conocimiento mismo. En algunas situaciones, los investigadores también desarrollaron su investigación en conjunto con el ejercicio de la enseñanza, con énfasis en las relaciones para negociar recursos, satisfacer sus intereses en la elección del área y temas de investigación, y mejorar sus propios conocimientos. Concluimos respecto a la relevancia de la autonomía para la formación y desempeño de los investigadores; la práctica de valores como la responsabilidad, el respeto y el diálogo; la capacidad del instrumento de análisis utilizado; y posibles direcciones para futuros estudios.

Palabras clave: Autonomía; Investigación en Educación; Formación de investigadores educativos.

INTRODUÇÃO

A pesquisa em Educação, enquanto um campo a ser investigado, tem sido analisada nas últimas décadas a respeito dos processos de formação de vários sujeitos, incluindo os próprios pesquisadores educacionais. Nesse contexto, dedicamo-nos a estudar as relações de pesquisadores educacionais com sua própria autonomia, atreladas às atividades que eles realizam acerca da sua formação e prática científica.

Dentre nossas produções caracterizamos a autonomia dos pesquisadores educacionais a partir da análise da literatura, e elaboramos um instrumento analítico para analisar as relações com a autonomia em diferentes contextos (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Como resultado, temos ampliado nossas compreensões sobre as relações entre a autonomia e a aprendizagem, o ensino praticado pelos professores, o interesse e a mobilização dos pesquisadores em formação, e o planejamento de cursos de formação.

Em continuidade e sob o uso de tais bases teórico-metodológicas, neste artigo apresentamos os resultados de uma investigação que teve como objetivo caracterizar a autonomia de pesquisadores educacionais a partir dos relatos desses sujeitos sobre seus processos de formação e prática profissional.

Para elucidar nossa proposta, na próxima seção apresentamos os pressupostos teóricos que adotamos. Iniciamos com uma breve caracterização geral da autonomia e suas variáveis – interesse e liberdade; e, em seguida, em três subseções, detalhamos as relações da autonomia com a ética, com a política, e com o conhecimento; e apresentamos o instrumento analítico supracitado. Em seguida, na sessão de procedimentos metodológicos, esclarecemos sobre a abordagem e as técnicas de análise que empregamos, e descrevemos o perfil dos sujeitos participantes.

Posteriormente, apresentamos as análises e interpretações resultantes. E, concluímos sobre a caracterização da autonomia do pesquisador educacional, com considerações às áreas de formação e de atuação desses profissionais, às relações axiológicas, ao instrumento de análise utilizado, e aos possíveis encaminhamentos para estudos futuros.

A AUTONOMIA DO PESQUISADOR EDUCACIONAL

A partir da análise de estudos que versam sobre as relações estabelecidas por pesquisadores educacionais, em diferentes situações de formação e trabalho, temos compreendido a autonomia como uma atividade fundamental do pesquisador, relativa às suas capacidades para pensar, agir, dialogar, negociar, e formar-se sujeito, livre, responsável e capaz de transformar sua realidade (Fartes, 2014; Severino, 2015

Berkenbrock-Rosito, 2019; Savi Neto; Fare; Silva, 2020; Maia; Medeiros, 2021; Caregnato; Miorando; Leite, 2022). E como uma condição do pesquisador, exercida em seus processos de formação e produção científica, a partir de relações que ele estabelece sob a presença e ausência⁴ das variáveis interesse e liberdade (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Nessa perspectiva, o interesse está associado à vontade do pesquisador por ter mais autonomia em suas ações, e pelos seus esforços para pensar e agir com mais liberdade, nas diferentes fases do seu trabalho e formação. Concomitantemente, a liberdade está associada à capacidade que o pesquisador tem de direcionar suas ações de acordo com seus interesses, para fins de trabalho e formação.

Tais ações podem ser observadas em atividades individuais e/ou coletivas realizadas pelo pesquisador, em diferentes ambientes e contextos, envolvendo relações entre sua autonomia e a ética, a política, e o desenvolvimento do seu conhecimento. Os detalhes sobre essas relações, apresentamos a seguir.

O pesquisador educacional e suas relações com a autonomia e a ética

As relações dos pesquisadores com a autonomia e a ética envolvem as ações que eles realizam para desenvolver suas pesquisas sob a presença e/ou ausência do interesse e da liberdade, atreladas ao cumprimento ou não cumprimento das normas éticas que regulamentam a pesquisa científica.

A partir de Severino (2015), podemos definir tais ações no que se refere a dois tipos de condutas dos pesquisadores: condutas coerentes e condutas não coerentes com a ética. As condutas coerentes reúnem as ações realizadas pelos pesquisadores sob o cumprimento da ética. Elas têm sido descritas a respeito dos procedimentos para a coleta de dados, publicação dos trabalhos, e para as tratativas com os orientadores e superiores.

Nesses procedimentos o pesquisador, ao ter liberdade para pensar e agir, segue princípios éticos como produtor e como difusor do conhecimento que produz. Como

⁴ Ao considerarmos a ausência e a presença das variáveis, não inferimos que elas estiveram totalmente presentes e/ou ausentes. Mas que sua presença e ausência foram relatadas pelos depoentes como fundamentais para o exercício da autonomia nas situações analisadas.

produtor faz prevalecer “[...] as exigências da objetividade, do rigor epistemológico, da coerência lógica, da consistência metodológica”. E como difusor, faz “[...] prevalecer a integridade da qualidade das pesquisas e do atendimento aos leitores” (Severino, 2015, p. 786-787).

De acordo com Berkenbrock-Rosito (2019), as condutas com a ética têm relação com o tipo de formação que os pesquisadores receberam ao longo dos seus processos formativos, em cursos de formação que se dedicam à sua formação integral e à consolidação de valores éticos, tal como a responsabilidade e o respeito.

De outro modo, a conduta não coerente com a ética é marcada pela ausência de tais valores, e, conseqüentemente, por ações do pesquisador, as quais violam os critérios estabelecidos pelas normas éticas que regulamentam a pesquisa científica, durante seus processos de produção e publicação.

Tal conduta compromete a qualidade das produções do pesquisador e prejudica os estudos realizados pelos leitores. Nessas ocasiões podem ser observados sérios desvios, como a adoção de “[...] procedimentos para burlar as exigências de integridade da pesquisa e da divulgação dos seus resultados”; e ações para falsear dados (Severino, 2015, p. 787).

A escolha do tipo de conduta pelo pesquisador também resultará em impactos na forma como ele estabelece suas relações com a autonomia, vinculadas às negociações políticas necessárias ao seu trabalho. Tais relações descrevemos na sequência.

O pesquisador educacional e suas relações com a autonomia e a política

As relações dos pesquisadores com a autonomia e a política envolvem as ações que esses profissionais realizam para negociar recursos, espaços, tempos e outras necessidades fundamentais para seu trabalho, a partir do diálogo e de estratégias de interlocução, sob a presença e/ou ausência do interesse e da liberdade.

As negociações que ocorrem nesse campo de ação possibilitam ou não que os pesquisadores elaborem projetos de pesquisa, formem equipes de trabalho,

obtenham recursos financeiros e materiais, e construam ambientes favoráveis para atender as necessidades de suas produções científicas.

Por conseguinte, as negociações são estabelecidas a partir de relações com autoridades⁵, como orientadores, coordenadores e demais pessoas que representam instituições de ensino e de fomento etc.

Savi Neto, Fare e Silva (2020) destacam que nessas situações podem ser observadas ações, de tais autoridades, para exigir do pesquisador a prática de conduta coerente com a ética; pressões para mudança de itens relativos aos projetos de pesquisa, e consequente comprometimento da liberdade do pesquisador para a tomada de decisões; e atrasos e prejuízos para o desenvolvimento das pesquisas advindos de avaliações e de negociações.

Nesse cenário, Caregnato, Miorando e Leite (2022) pontuam que os pesquisadores precisam planejar os efeitos de suas atividades produtivas de acordo com os critérios de tais autoridades, das agências de fomento, e do público com o qual interagem, considerando que ambos são indispensáveis para o desenvolvimento e manutenção das suas atividades e da sua autonomia.

Para Berkenbrock-Rosito (2019), a autonomia no trabalho do pesquisador depende do desenvolvimento de valores políticos essenciais, como o diálogo, haja vista que tal valor possibilita que o pesquisador seja capaz de agir frente às negociações relativas às pesquisas, e de promover as mudanças necessárias em sua realidade.

Fartes (2014) ressalta que as relações políticas do pesquisador educacional também são estabelecidas no âmbito da docência, nos casos em que o pesquisador exerce o trabalho de professor (pesquisador-docente), por exemplo, em Instituições de Ensino Superior (IES).

⁵ A respeito das relações com a política, esclarecemos que no modelo teórico-metodológico que propomos para a análise da autonomia dos pesquisadores, caracterizamos tais relações enquanto ações e habilidades de comunicação e negociação que os pesquisadores realizam e que são importantes para atender as necessidades das suas pesquisas, em situações que envolvem a liberdade e os interesses deles. Nesta perspectiva, embora algumas relações culturais e com autoridades possam ser identificadas em nossas análises, não nos dedicamos a definir o significado cultural que envolve a expressão “política”, e/ou das relações de poder que impactam a autonomia. Estudos relevantes e com esses objetivos podem ser acessados, por exemplo, no campo dos Estudos Culturais das Ciências e da Educação.

Nessas situações podem ser observadas relações que envolvem esforços para a liberação de recursos financeiros e materiais, burocracias para a gestão e administração dos projetos, e dificuldades relativas à demanda de tempo que a docência e a pesquisa exigem do pesquisador-docente.

Ademais, a estrutura dessas relações possui interdependências globais, nacionais e locais, e traz demandas e decisões aos setores produtivos, que podem desviar o papel formativo do trabalho e da educação, “[...] para fins orientados pela racionalidade do mercado” (Fartes, 2014, p. 854).

O excesso de demanda de trabalho do pesquisador também pode resultar em impactos no desenvolvimento das suas relações com a autonomia e o conhecimento, as quais apresentamos na continuidade.

O pesquisador educacional e suas relações com a autonomia e o conhecimento

As relações dos pesquisadores com a autonomia e o seu conhecimento envolvem as práticas de reflexão que esses profissionais realizam para sua aprendizagem, e para atender as necessidades relativas à pesquisa científica, sob a presença e/ou ausência do interesse e da liberdade.

Nessas relações podem ser identificadas ações para a aprendizagem de conceitos e métodos científicos, reflexões individuais para a adequação de projetos, resolução de problemas variados, e construção de equipes e de espaços favoráveis para a produção de pesquisa etc.

Maia e Medeiros (2021) observam que, ao ter autonomia sob a presença do interesse e da liberdade para pensar e agir, o pesquisador educacional é capaz de desenvolver seu intelecto e as habilidades necessárias para o seu trabalho.

Berkenbrock-Rosito (2019, p. 42) pontua que ao ter conhecimento o pesquisador consegue estabelecer a sua autonomia, ao passo que “[...] a falta de domínio dos conceitos que organizam o campo de atuação como pesquisador impede a autonomia e a liberdade de suas ações”.

A partir dessas inferências é possível observar inter-relações entre os elementos que participam da autonomia do pesquisador atrelados à sua própria aprendizagem –

a autonomia sob a presença do interesse e da liberdade para pensar e agir, contribui para o desenvolvimento do conhecimento, e este favorece o desenvolvimento e a manutenção da autonomia do pesquisador.

Nas situações em que o trabalho do pesquisador se articula com a docência, Maia e Medeiros (2021) destacam que é possível observar benefícios advindos das relações dos pesquisadores com os alunos para o desenvolvimento de modos de raciocínio característicos da pesquisa articulados ao ato de ensinar, a partir do diálogo e da constante reflexividade. Temos denominado tais reflexões como modos de raciocínio característicos da pesquisa articulados à docência (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Contudo, também é possível observar dificuldades vivenciadas pelos pesquisadores-docentes. Por exemplo, impedimento do desenvolvimento de reflexões mais abrangentes durante a escrita dos relatórios de pesquisas, devido ao excesso de trabalho do pesquisador, e grande esforço pessoal para estabelecer a autonomia em suas práticas de reflexões individuais e coletivas (Maia; Medeiros, 2021).

Considerando o exposto a respeito dos três elementos vinculados às relações do pesquisador com a autonomia – ética, política e conhecimento, e das relações com as variáveis interesse e liberdade, apresentamos um instrumento analítico para caracterizar a autonomia desses profissionais (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Os detalhes podem ser analisados no Quadro 1.

Quadro 1 – Instrumento para análise da autonomia do pesquisador educacional

Elementos relativos à autonomia do pesquisador	Descrições dos elementos	Variáveis: interesse e liberdade e suas descrições
Ética	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia, estabelecidas sob o exercício e/ou não exercício da ética; ao cumprimento/não cumprimento das normas éticas que regulamentam a pesquisa científica (Severino, 2015); aos valores éticos que o pesquisador deve ter em seu processo formativo e produtivo (Berkenbrock-Rosito, 2019). Podem ser observadas relações em atividades, como a coleta e o tratamento dos dados, os processos realizados para publicação dos trabalhos produzidos, as tratativas com o orientador e demais superiores (Severino, 2015).	Envolve as relações do pesquisador com a autonomia sob a presença/ausência do interesse e da liberdade acerca das práticas de pesquisa com componentes éticos.

Política	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia, estabelecidas a partir de diálogos e estratégias de interlocução, para construir equipes, projetos de pesquisa, negociar com apoiadores, financiadores e conselhos de pesquisa (Savi Neto; Fare; Silva, 2020); construir um ambiente favorável para as pesquisas, limitado por autoridades (Caregnato; Miorando; Leite, 2022); negociar necessidades, espaços, tempos, recursos. Também podem estar atreladas à prática docente do pesquisador (Fartes, 2014).	Envolve as relações do pesquisador com a autonomia sob a presença/ ausência do interesse e da liberdade acerca das práticas de pesquisa com componentes políticos.
Conhecimento do pesquisador	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia relativa à prática de reflexão individual, modos de raciocínio característicos da pesquisa científica, como momentos de isolamento individual para a interpretação e adequação dos projetos de pesquisa, e para a resolução de problemas (Maia; Medeiros, 2021; Berkenbrock-Rosito, 2019; Savi Neto; Fare; Silva, 2020). Pode envolver o desenvolvimento de reflexões do pesquisador a partir da prática docente; de modos de raciocínio característicos da pesquisa articulados à docência (Maia; Medeiros, 2021).	Envolve as relações do pesquisador com a autonomia sob a presença/ausência da liberdade e do interesse acerca das práticas de pesquisa que se referem ao conhecimento do pesquisador.

Fonte: Machado, Arruda e Passos, (2024)

Observe, no Quadro 1, que o instrumento analítico é constituído por 3 colunas e 3 linhas, e que as relações organizadas nas 3 linhas do instrumento – ética, política e conhecimento, se inter-relacionam na coluna 3 com as relações organizadas acerca da presença/ausência das variáveis interesse e liberdade.

Como resultado, emergem 12 combinações descritivas que podem ser utilizadas como 12 categorias de análise *a priori*, para caracterizar a autonomia do pesquisador educacional. São elas:

- a) Linha 1 – autonomia e suas relações com a ética sob a presença do interesse (categoria 1), e presença da liberdade (categoria 2); e sob a ausência do interesse (categoria 3), e ausência da liberdade (categoria 4);
- b) Linha 2 – autonomia e suas relações com a política sob a presença do interesse (categoria 5), e da liberdade (categoria 6); e sob a ausência do interesse (categoria 7), e da liberdade (categoria 8);
- c) Linha 3 – autonomia e suas relações com o conhecimento sob a presença do interesse (categoria 9), e da liberdade (categoria 10); e sob a ausência do interesse (categoria 11), e da liberdade (categoria 12).

Neste estudo adotamos tal instrumento, considerando as 12 combinações supracitadas enquanto categorias *a priori*, para analisar as relações que os pesquisadores educacionais estabeleceram com a autonomia durante suas práticas de pesquisa e formação. Os detalhes sobre os procedimentos metodológicos que adotamos, apresentamos a seguir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo desta pesquisa foi o de caracterizar a autonomia de pesquisadores educacionais, a partir das relações que eles estabeleceram em seus processos de formação e prática profissional.

A fim de caracterizar as relações de um grupo representativo, reunimos para este estudo 20 pesquisadores educacionais, mulheres (35%) e homens (65%), com idade entre 25 e 56 anos. Na ocasião da coleta, eles residiam em diferentes regiões do Brasil (80%), Moçambique (15%) e Portugal (5%), e se dedicavam à formação continuada e ao trabalho relativo à pesquisa científica educacional.

O convite e a inclusão dos participantes foram realizados a partir de contato presencial e online com pesquisadores e grupos de pesquisas, em Congressos científicos, bancas de defesa, e visitas à Universidades, no período de 2 anos.

A área de formação inicial desses pesquisadores foi diversificada, relativa aos cursos de Graduação em Licenciaturas em Matemática, Ciências Biológicas, Física, Química, Educação Física e de Pedagogia. De outro modo, a área de formação continuada convergiu para os cursos de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado), em Ensino de Ciências e Educação Matemática, tal como a participação em Grupos de Pesquisa pertencentes aos referidos Programas de Mestrado e Doutorado.

A atuação profissional foi, em sua maioria, vinculada ao exercício da docência (92%), nos níveis de Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, e Ensino Superior, em Programas *Lato sensu* e *Stricto sensu*. E, a atuação sem o exercício da docência (8%) foi vinculada às práticas de pesquisas em Programas *Stricto sensu*.

Para atender ao objetivo proposto, realizamos a coleta, a análise dos dados, e as tratativas com os referidos depoentes, sob a abordagem qualitativa, fundamentados nas descrições apresentadas por Bogdan e Biklen (2003).

Sob tais orientações, no que se refere à coleta, os dados foram predominantemente descritivos, com detalhes a respeito do trabalho e da formação dos depoentes (Bogdan; Biklen, 2003), registrados por meio de relatos, redigidos pelos próprios depoentes, em um formulário *on-line* constituído por duas seções.

A primeira seção foi composta por questões fechadas e abertas, e agrupou as informações sobre a idade, o gênero e os locais de trabalho dos depoentes, pseudônimos, e referências sobre suas participações em Grupos de Pesquisa.

A segunda seção foi composta por uma questão aberta, dissertativa, e acomodou os relatos dos pesquisadores sobre como definiam, cada um a seu modo, a autonomia do pesquisador educacional; e sobre quais relações estabeleciam com a própria autonomia em situações de formação e trabalho.

Após a coleta, os dados foram analisados de modo a retratar a perspectiva dos participantes, e de descrever o significado que eles deram às suas relações (Bogdan; Biklen, 2003). Por conseguinte, submetemos os relatos à técnica de Análise de Conteúdo (AC), acerca das categorias *a priori*, que apresentamos na seção anterior (Quadro 1).

De acordo com Fiorentini e Lorenzato (2012), a AC é uma técnica de investigação que possibilita ao pesquisador realizar uma análise qualitativa mais atenta dos significados contidos nos relatos dos sujeitos de pesquisa. Tal análise é realizada a partir de reiteradas leituras dos relatos, estabelecimento de relações, e organização em categorias de análise.

No que tange às tratativas com os depoentes, foram observadas as questões éticas, relativas aos princípios de consentimento informado, garantia de anonimato, e a proteção de danos (Bogdan; Biklen, 2003).

Em razão disso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado aos participantes⁶, anexo ao formulário digital, e assinado digitalmente por eles na ocasião da coleta de dados. Ademais, para a garantia do anonimato, adotamos pseudônimos para apresentar os depoentes, de modo a assegurar que seus nomes verdadeiros fossem mantidos em sigilo. Tais pseudônimos foram escolhidos, em sua maioria, pelos próprios depoentes durante a coleta.

Os resultados, advindos dos procedimentos descritos nesta seção, podem ser analisados a seguir.

ANÁLISES E RESULTADOS

A partir das análises foi possível caracterizar as relações dos pesquisadores com sua própria autonomia, vinculadas ao exercício da ética, de habilidades e disposições políticas, e do desenvolvimento do próprio conhecimento.

Para apresentá-las organizamos os dados no instrumento anunciado anteriormente (Quadro 1). Nessa ação, a coluna 1 do instrumento foi adaptada para acomodar os fragmentos de texto extraídos dos relatos dos depoentes, relativos às suas relações com a autonomia e a ética (Quadro 2), a política (Quadro 3), e o desenvolvimento do próprio conhecimento (Quadro 4), sob a presença/ausência do interesse e da liberdade.

Com o propósito de facilitar a referência aos dados apresentados durante as discussões, atribuímos códigos de identificação a cada um dos fragmentos dos relatos dos depoentes, organizados nos quadros apresentados na continuidade. Tal codificação consistiu na atribuição das iniciais dos depoentes, seguido do número dos fragmentos analisados. Por exemplo: a respeito da depoente Gabby – fragmento 1 do seu relato, codificamos como (Gabby1); e do depoente Palm – fragmentos 1 e 2 do seu relato, codificamos como (Palm1-2).

⁶ O presente artigo faz parte do projeto de pós-doutorado intitulado “A Autonomia do pesquisador sob caracterizações dos relatos de pesquisadores em Educação em Ciências e Matemática”, supervisionado pelo pesquisador Sérgio de Mello Arruda, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo seres Humanos, da Universidade Estadual de Londrina, CAAE 68485223.7.0000.5231 (CEP/UEL parecer 6.060.079).

Sob tais premissas iniciamos com o Quadro 2, composto por 3 colunas e 3 linhas, nas quais estão organizados os fragmentos dos relatos dos depoentes (coluna 1); as descrições relativas à categoria de análise correspondente: ética (coluna 2); e as sentenças contidas em tais fragmentos, relativas às variáveis interesse e liberdade (coluna 3).

Quadro 2 – Descrições sobre a autonomia do pesquisador e a ética

Fragmentos de análise	Autonomia sob as relações com a ética	Categorização sob a presença/ausência do interesse e da liberdade
Entendo como autonomia do pesquisador a possibilidade de tomar as próprias decisões sobre procedimentos de pesquisa, sem prejuízo de questões ético-morais. (Gabby1).	Diz respeito às relações que o pesquisador estabelece com a sua autonomia, e as condutas e valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença da liberdade “[...] possibilidades de tomar as próprias decisões”.
A autonomia do pesquisador deve permitir total imparcialidade nas suas conclusões e divulgação de seus achados. (Pacioli1).	Diz respeito às relações do pesquisador com a sua autonomia e as condutas e valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença da liberdade “A autonomia do pesquisador deve permitir total imparcialidade”.
Entendo como o direito em apresentar os dados coletados de maneira verdadeira! Até o momento sempre foi possível! (Eduardo1).	Diz respeito às relações do pesquisador com a sua autonomia, e as condutas e valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença da liberdade “Entendo como o direito em apresentar os dados de maneira verdadeira!”.
Autonomia do pesquisador para mim é relacionada ao pesquisador realizar seus trabalhos de acordo com o que ele deseja e preza, conseguir trabalhar com o que gosta e da forma que quiser, porém dentro dos princípios éticos e legais. (Alice1).	Diz respeito às relações do pesquisador com a sua autonomia e as condutas e aos valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença do interesse “[...] realizar os seus trabalhos de acordo com o que ele deseja e preza”.
[A autonomia do pesquisador] é a liberdade de investigar aquilo que considera interessante, obedecendo seus princípios éticos e morais. (Lea1).	Diz respeito às relações do pesquisador com a sua autonomia e as condutas e aos valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença do interesse “[...] investigar aquilo que considera interessante”.
É a capacidade de governar-se pelos próprios meios. Desta forma, em cada área do conhecimento, o pesquisador tem além da responsabilidade, [...] a autonomia de conduzir a pesquisa dentro dos aspectos éticos, morais [...] e institucionais. (Darwin1).	Diz respeito às relações do pesquisador com a sua autonomia e as condutas e aos valores éticos presentes em seu processo produtivo.	Presença da liberdade “[...] a autonomia de conduzir a pesquisa dentro dos aspectos éticos, morais”.

Fonte: Os dados

Em análise dos dados organizados no Quadro 2, observamos que os pesquisadores expressaram suas relações com a autonomia, a partir de relatos sobre atividades que integraram suas práticas de pesquisa, sob a presença do interesse e da liberdade, e o exercício da ética (Lea1, Gabby1, Pacioli1, Eduardo1, Alice1, Darwin1).

Tal como proposto por Severino (2015), as atividades relativas à autonomia e ao exercício da ética, envolveram ações para a tomada de decisões (Gabby1), coleta, tratamento dos dados, e divulgação dos resultados (Eduardo1, Pacioli1).

A respeito da autonomia e o exercício da ética sob a presença da liberdade, alguns depoentes dissertaram sobre o direito de realizar ações relativas às suas práticas de pesquisa, e as responsabilidades com as instituições nas quais trabalhavam.

Dentre essas relações, destacamos os discursos sobre a liberdade para divulgar os resultados verdadeiros obtidos por meio dos estudos (Eduardo1, Darwin1); adotar as próprias decisões sobre os procedimentos de pesquisa (Gabby1, Alice1, Darwin1); e conduzir a pesquisa quanto aos aspectos éticos e às regras institucionais (Darwin1).

No que se refere à caracterização da autonomia e ao exercício da ética sob a presença do interesse, os pesquisadores refletiram sobre o desejo e a importância de investigar o que gostam (Alice1) e julgam ser interessante, considerando a obediência aos princípios éticos (Lea1, Alice1).

Nessas manifestações foi possível observar que, mediante o interesse e a liberdade para agir, os depoentes expressaram o compromisso que têm com a ética, e relataram sobre suas práticas para a tomada de decisões autônomas e condutas coerentes, enquanto produtores e difusores do conhecimento que produzem, tal como descrito por Severino (2015).

Enquanto produtores do conhecimento, fizeram prevalecer as exigências “[...] do rigor epistemológico, da coerência lógica, da consistência metodológica”. E enquanto difusores do conhecimento, preocuparam-se com a integridade da qualidade das suas pesquisas e com o atendimento aos seus leitores (Severino, 2015, p. 786-787).

No campo axiológico, observamos os valores éticos citados por Berkenbrock-Rosito (2019), como a responsabilidade e o respeito; e destacamos os contextos em que podem ser observados – em ações relativas à responsabilidade do pesquisador

com seu processo produtivo (Lea1; Gabby1; Pacioli1; Eduardo1; Alice1); e ao respeito pela prática da pesquisa e pelas instituições que participaram do seu trabalho e formação (Darwin1).

A respeito de outras caracterizações, destacamos que não identificamos relações dos pesquisadores vinculadas às condutas não coerentes com a ética; e manifestações que nos possibilitassem caracterizar a autonomia sob a ausência do interesse e da liberdade.

Em análise de outros excertos, algumas descrições que apresentam a ausência dessas variáveis foram organizadas no Quadro 3, atreladas à política.

Quadro 3 – Descrições sobre a autonomia do pesquisador e a política

Fragmentos de análise	Autonomia sob as relações com a política	Categorização sob a presença/ausência do interesse e da liberdade
Um pesquisador [autônomo] pode desenvolver suas pesquisas sem preocupações com cobranças, imposições, pressões externas a ele e ao seu grupo de pesquisa. [...] No tempo que tenho como pesquisadora, sempre me senti à vontade para escolher os caminhos das minhas pesquisas. (Alegria1).	Diz respeito a construir um ambiente favorável para o desenvolvimento de pesquisas; construir projetos, negociar, se relacionar com apoiadores, e grupos de pesquisa.	Presença da liberdade “[...] pode desenvolver suas pesquisas sem preocupações com cobranças, imposições, pressões [...] sempre me senti à vontade”.
Considerando o contexto em que vivo, percebo que tenho autonomia para desenvolver pesquisas de acordo com os interesses da empresa em que trabalho. Então, se é alguma temática que apresenta potencialidade comercial, tenho fomento para pesquisar, com a condição de não divulgar resultados que sejam considerados nocivos para a imagem e reputação da empresa. (Palm1).	Envolve as relações do pesquisador com sua autonomia, limitadas por autoridades, para desenvolver projetos e construir um ambiente favorável para as pesquisas, a partir do diálogo, negociações e de estratégias de interlocução.	Presença da liberdade (condicionada) “[...] tenho autonomia de acordo com os interesses da empresa em que trabalho [...] se é uma temática que apresenta potencialidade comercial, tenho [...] com a condição de não divulgar” determinados resultados.
Por outro lado, quando não estou alinhado a esses interesses, sofro perda de fomento e visibilidade da pesquisa, chegando a ser solicitada a mudança do tema em estudo. Então, na condição de pesquisador e professor no âmbito do <i>Stricto Sensu</i> , compreendo que minha autonomia é condicionada aos interesses da empresa que, em uma esfera superior, encontra lastros com as demandas do mercado de Ensino Superior brasileiro. (Palm2).	Diz respeito a construir um ambiente favorável para as pesquisas, limitado por autoridades; negociar necessidades, tempos, recursos, a partir de estratégias de interlocução, e de relações atreladas à prática docente do pesquisador.	Presença da liberdade (condicionada) “[...] minha autonomia é condicionada aos interesses da empresa que, em uma esfera superior, encontra lastros com as demandas do mercado de Ensino Superior brasileiro”.

Pela minha experiência creio que existam situações, por exemplo, em escolas [...] que não permitem que o pesquisador tenha uma independência [...]. Muitas vezes temos que nos submeter a alguns critérios da escola ou da disponibilidade dos professores, porque, por exemplo, [...] gravar aulas, [...] há escolas e professores que não admitem. (Moace1).	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia, estabelecidas a partir de diálogos para construir equipes e um ambiente favorável para as pesquisas; negociar espaços, tempos e recursos com apoiadores.	Ausência da liberdade “[...] creio que existam situações [...] que não permitem que o pesquisador tenha uma independência. [...] por exemplo, [...] gravar aulas [...] há escolas e professores que não admitem.
A autonomia [...] com minha experiência particular, acho que está bem no sentido de eu guiar-me. Meu orientador é liberal nesse assunto, e por vezes desejo que ele me estabeleça limites. (Moace2).	Inclui as relações do pesquisador com sua autonomia, estabelecidas a partir do diálogo para elaborar suas pesquisas.	Presença da liberdade “Meu orientador é liberal nesse assunto, e por vezes desejo que ele me estabeleça limites”.
Autonomia é o direito que o pesquisador consegue para desenvolver a sua pesquisa em uma área que ele deseje. Porém, nem sempre ela é possível, pois dependendo do programa de formação, a área de pesquisa da Instituição e a de interesse do pesquisador não convergem. Daí, resta ao pesquisador se adequar e procurar se encontrar na realidade que o programa permite. Como supervisionando de pós-doutorado encontrei a autonomia para realizar a pesquisa em uma área que eu gostaria e com a anuência do meu orientador. (Vini1).	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia, estabelecidas a partir de diálogos e estratégias de interlocução, para construir equipes, projetos de pesquisa, negociar com apoiadores, financiadores; construir um ambiente favorável para as pesquisas.	Presença de interesse “[...] encontrei a autonomia para realizar a pesquisa em uma área que eu gostaria”.
Em muitas áreas de atuação, é complicado realizar certas pesquisas sem a disponibilidade de recurso. [...] optei por mudar de área por essa questão, pois quando cheguei na Universidade que atualmente leciono, percebi que não teria autonomia para realizar pesquisa sobre o que vinha trabalhando. Hoje, ainda encontro dificuldades, pois não há recurso disponível, tenho que abrir mão de algumas ideias e adaptar outras. Então, isso impacta bastante na minha autonomia como pesquisador, pois em geral não consigo fazer o que desejo. (Alice2).	Diz respeito às relações do pesquisador com a autonomia para construir um ambiente favorável para as pesquisas, limitado por autoridades; negociar necessidades, tempos, recursos, a partir de relações atreladas à prática docente do pesquisador.	Ausência do interesse “[...] em geral não consigo fazer o que desejo”.

Fonte: Os dados

A partir da leitura dos dados organizados no Quadro 3, identificamos que os pesquisadores apresentaram suas relações com a autonomia, baseados em reflexões sobre o modo como desenvolveram suas pesquisas, sob a presença e a ausência da liberdade, e ausência do interesse, a respeito de um conjunto de habilidades e disposições políticas (Alegria1, Palm1-2, Moace1-2, Vini1, Alice2).

Dentre tais relações, destacamos o exercício do diálogo (Moace2, Vini1), atrelado às negociações com pessoas, agências de fomento e instituições de ensino, para elaboração de projetos (Alegria1), captação de recursos (Palm1-2, Moace1, Alice2), e construção de ambientes favoráveis para as pesquisas (Palm1, Vini1).

Tal como observado por Berkenbrock-Rosito (2019), o diálogo representa um valor político essencial para o desenvolvimento das ações relativas às negociações que os pesquisadores educacionais realizam, e para a própria autonomia.

No que se refere à caracterização da autonomia e a política sob a presença da liberdade, os depoentes dissertaram sobre as suas capacidades para desenvolver pesquisas em contextos diferentes – com e sem dificuldades, pressões e imposições internas e externas.

Na ocasião, uma pesquisadora relatou sua autonomia, esclarecendo que sempre teve liberdade para escolher os caminhos das suas pesquisas (Alegria1). Sob outro contexto, um pesquisador comentou que, atualmente, possui autonomia para realizar as escolhas relativas às suas pesquisas, a partir da liberdade que seu orientador lhe oferece. Contudo, expôs dificuldades em gerir tal liberdade, e comentou que, em razão disso, tem a necessidade de intervenção do seu orientador para lhe estabelecer limites (Moace2).

Não obstante, o referido depoente expôs as situações em que trabalhou sob a ausência da sua liberdade, em determinados espaços educacionais. E exemplificou, citando as ocasiões em que ele planejou a gravação de aulas em escolas, mas os responsáveis por essas instituições não autorizaram tal forma de coleta (Moace1).

Considerando os relatos apresentados pelos referidos pesquisadores, podemos observar as diferentes formas de gestão da autonomia atrelada às habilidades políticas (Alegria1, Moace1-2), e destacar as ações que a gestão pode demandar de um mesmo pesquisador acerca de variáveis diferentes.

Por exemplo, o depoente Moace geriu a autonomia sob a presença da liberdade em relações que ele estabeleceu com o seu orientador (Moace1), e geriu sua autonomia sob ausência de liberdade em relações que ele estabeleceu com outros parceiros, no trabalho de campo (Moace2).

Considerando esses excertos, inferimos que um pesquisador pode realizar a gestão da sua autonomia mediante formas opostas de relações com as variáveis (sob a presença e a ausência), a respeito de um mesmo projeto de pesquisa, em ambientes diferentes, com pessoas que participam do projeto de formas distintas; e cujas relações e negociações são essenciais para a prática científica (Moace1-2).

Em um cenário distinto dos demais depoentes, um pesquisador explicou que, atualmente, a liberdade para realizar suas pesquisas está presente em sua rotina de trabalho, porém está “condicionada” ao atendimento de determinados critérios apresentados pela IES na qual atua como professor (Palm1-2).

Dentre os critérios, o pesquisador salientou “[...] a condição de não divulgar resultados que sejam considerados nocivos para a imagem e reputação da empresa” (Palm1), e de atender a outros interesses da IES “[...] que, em uma esfera superior, encontra lastros com as demandas do mercado de Ensino Superior brasileiro” (Palm2).

Tal como descrito por Fartes (2014), o trabalho do pesquisador educacional no contexto da atuação docente em uma IES envolve esforços específicos para a manutenção da sua autonomia e desenvolvimento dos seus projetos. Por exemplo, aqueles realizados para atender as burocracias internas, vinculadas à gestão e administração dos projetos. E cujas demandas e decisões possuem interdependências globais, nacionais e locais, e atendem a “[...] fins orientados pela racionalidade do mercado” (Fartes, 2014, p. 854).

Devido ao fato de o referido depoente relatar a sua liberdade vinculada à obediência de determinadas exigências impostas por seus superiores, e uma relação com a autonomia que ele nomeou como “autonomia condicionada” (Palm2), assinalamos a categorização da sua liberdade no Quadro 3, como liberdade (condicionada). E novos estudos possibilitarão identificar a viabilidade de apresentar subcategorias às variáveis interesse e liberdade.

No que tange às caracterizações da autonomia e a política, sob a ausência (Alice2) e presença do interesse (Vini1), alguns pesquisadores expressaram as relações que estabeleceram em sua rotina de trabalho, dissertando sobre o desenvolvimento

de estratégias que os possibilitaram elaborar pesquisas com temas que atenderam ou não atenderam diretamente aos seus desejos e gostos.

Nas manifestações a respeito da presença do interesse, um pesquisador citou como estratégia – mudar de programa de pós-graduação para atender seu interesse pela área de pesquisa. Na ocasião, ele comentou que estava inserido em um programa em que a área de pesquisa disponível e a do seu interesse não convergiam (Vini1).

Para resolver, ele escolheu desenvolver seu projeto de pesquisa a partir do trabalho de supervisão de Pós-doutorado na área que desejava, estabelecendo relações com sua autonomia sob a presença do interesse (Vini1).

Em outro contexto, em relações sob a ausência do interesse, uma pesquisadora refletiu sobre a falta de recursos financeiros na sua área, e expôs outra estratégia – mudar de área e adaptar os temas de pesquisa à realidade do programa ao qual está inserida. Como resultado, a depoente relatou que, na ocasião da coleta, desenvolvia pesquisas sobre temas que geralmente não correspondiam ao seu interesse, mas que tinham recursos disponíveis (Alice2).

A partir desses relatos podemos descrever algumas dificuldades que os pesquisadores enfrentam para realizar pesquisas que atendam aos seus interesses, sob o exercício de sua autonomia, e algumas estratégias que eles desenvolvem para continuarem com suas produções, nos contextos de formação e trabalho.

Quais sejam, mudar de programa de pós-graduação para atender o interesse pessoal pela área de pesquisa, estabelecendo relações com a autonomia sob a presença do seu interesse; e mudar de área e adaptar os temas de pesquisa aos recursos disponíveis na instituição em que trabalha, estabelecendo relações com a autonomia sob a ausência do seu interesse.

Ademais, a partir dos referidos excertos corroboramos as inferências apresentadas por Caregnato, Miorando e Leite (2022), a respeito da obrigação que os pesquisadores educacionais têm, e dos esforços que fazem para atender os critérios das agências de fomento e dos seus parceiros de pesquisa, de modo a garantirem o desenvolvimento de suas atividades e manutenção da sua autonomia.

Outras relações a respeito do interesse dos pesquisadores, também foram descritas em relatos sobre a autonomia e o conhecimento, organizados no Quadro 4.

Quadro 4 – Descrições sobre a autonomia do pesquisador e o conhecimento

Fragmentos de análise	Autonomia sob as relações com o conhecimento	Categorização sob a presença/ausência do interesse e da liberdade
A autonomia durante o desenvolvimento de pesquisas, para mim, influencia muito o meu interesse por produzir e por aprender, me desenvolver intelectualmente. Quando eu sou obrigada a trabalhar com um assunto ou método que eu não tenho interesse, fica mais difícil eu conseguir <i>insights</i> , e fazer uma boa escrita. (Maila1).	Diz respeito às relações do pesquisador com sua autonomia relativa à prática de reflexão individual, modos de raciocínio característicos da pesquisa científica.	Ausência do interesse “Quando eu sou obrigada a trabalhar com um assunto ou método que eu não tenho interesse, fica mais difícil eu conseguir <i>insights</i> , e fazer uma boa escrita”.
Quando eu tenho autonomia para escolher o que eu tenho interesse, o resultado é totalmente cognitivo. Eu desenvolvo muito o meu intelecto, elaboro de modo mais racional, organizado, e sou mais criativa. A forma como analiso e disserto os meus resultados, tem muito mais qualidade. (Maila2).	Diz respeito à autonomia e à prática de reflexão para a interpretação e adequação dos projetos de pesquisa, e resolução de problemas.	Presença do interesse “Quando eu tenho autonomia [...] interesse, o resultado é totalmente cognitivo. [...] organizado e sou mais criativa”.
Para mim a autonomia é um estado em que o pesquisador assume com certeza suas responsabilidades e ideias. [...]. Ela favorece a expressão de ideias com algum grau de certeza. [...] A presença da autonomia ajuda o pesquisador a formar-se, a consolidar-se. (Camacho1).	Diz respeito à autonomia relativa à prática de reflexão individual do pesquisador, modos de raciocínio característicos da pesquisa científica.	Presença da Liberdade “[...] é um estado em que o pesquisador assume [...] suas responsabilidades. [...] favorece a expressão de ideias”.
A ausência de autonomia [pertence à] zona da insegurança e [desapropriação] das ideias sobre a pesquisa em curso. [...] esvazia a pertença das ideias, dúvidas e encaminhamentos do pesquisador. (Camacho2).	Diz respeito à autonomia e à prática de reflexão individual, modos de raciocínio característicos da pesquisa científica.	Ausência da liberdade “A ausência de autonomia [pertence à] [...] [desapropriação] das ideias”.
A autonomia do pesquisador é fundamental em qualquer área acadêmica [...] quando tive a oportunidade [...] de associar a prática da sala de aula com investigações em relação à atuação do professor, foi fundamental para propiciar condições teóricas, metodológicas e didáticas para minha atuação. (Francisco1).	Envolve o desenvolvimento de reflexões a partir da prática docente; modos de raciocínio relativos à pesquisa científica articulados à docência.	Presença da liberdade “[...] quando tive a oportunidade [...] de associar a prática da sala de aula com investigações [...] foi fundamental”.

Fonte: Os dados

Em análise dos dados organizados no Quadro 4, identificamos que os pesquisadores expressaram suas relações com a autonomia, a partir de reflexões sobre o desenvolvimento do próprio conhecimento, no contexto da formação

acadêmica, da atuação profissional, e do exercício da docência, sob a presença e a ausência do interesse e liberdade (Maila1-2, Camacho1-2, Francisco1, Darwin1).

Nos excertos relativos à presença da liberdade, os pesquisadores enfatizaram a importância e os benefícios da autonomia para o seu trabalho e formação. A exemplo, um depoente comentou que a autonomia sob a presença da liberdade “[...] favorece a expressão das ideias com algum grau de certeza, [...] ajuda o pesquisador a formar-se” (Camacho1).

Nas relações a respeito da autonomia sob a ausência da liberdade, o referido depoente dissertou sobre possíveis prejuízos para o desenvolvimento do conhecimento do pesquisador, e enfatizou que a ausência da liberdade pode gerar insegurança, desapropriação das ideias e prejudicar os encaminhamentos do pesquisador relativos à pesquisa em curso (Camacho2).

Os referidos excertos corroboram Maia e Medeiros (2021), quando os autores observam que a presença da liberdade do pesquisador para pensar e agir contribui para o desenvolvimento do seu intelecto e das habilidades necessárias para o seu trabalho (Camacho1). E nos possibilitaram inferir acerca dos mesmos elementos, mas sob outra perspectiva – a falta de liberdade prejudica o desenvolvimento intelectual e operacional do pesquisador (Camacho2).

Em referência às relações com a autonomia e o conhecimento sob a ausência e a presença do interesse, uma pesquisadora apresentou suas reflexões, considerando o seu desenvolvimento intelectual em diferentes situações de trabalho (Maila1-2).

Segundo a depoente, a presença do seu interesse aumentou nas situações de trabalho em que ela teve liberdade para realizar as escolhas sobre o tema e os métodos relativos às suas pesquisas. E, enfatizou que, quanto maior foi seu interesse, maior foi seu desenvolvimento intelectual.

A depoente concluiu que a ausência do interesse prejudicou a formação dos seus insights e a qualidade da sua escrita (Maila1); enquanto a presença do interesse lhe possibilitou pensar sobre os elementos da pesquisa de modo mais racional, organizado e criativo, e dissertar os seus resultados com mais qualidade (Maila2).

Nesses excertos podemos observar que, no que diz respeito à própria autonomia, para a depoente seu desenvolvimento intelectual depende da presença do seu interesse; e a presença do seu interesse depende da presença da sua liberdade.

Por conseguinte, corroboram o caráter fundamental que as relações com a autonomia têm para o desenvolvimento do conhecimento e da prática do pesquisador (Maia; Medeiros, 2021). E ratificam a definição que apresentamos ao interesse e liberdade, enquanto variáveis da autonomia do pesquisador, as quais podem estar presentes e/ou ausentes nas situações (Machado; Arruda; Passos, 2024).

No contexto da docência, em relações com a autonomia e o conhecimento sob a presença da liberdade, um pesquisador destacou os benefícios advindos da liberdade para associar as suas investigações científicas à sua prática em sala de aula durante as suas atividades docentes.

Nas palavras do depoente “[...] quando tive a oportunidade [...] de associar a prática da sala de aula com investigações em relação à atuação do professor, foi fundamental para propiciar condições teóricas, metodológicas e didáticas para minha atuação” (Francisco1).

Essas relações acrescentam às descrições de Maia e Medeiros (2021), haja vista que nos possibilitam pontuar outras ações que emergem da relação entre a autonomia, conhecimento do pesquisador, e a docência. Quais sejam – associar a prática docente às investigações científicas, e incorporar os conhecimentos advindos dessa associação para melhorar a prática docente em aspectos teóricos, metodológicos e didáticos.

Contudo, na ocasião o relato do pesquisador Francisco não trouxe detalhes que nos possibilitassem descrever tais ações de forma mais ampla, e compreender como ele realizou suas associações e incorporações; e de que modo essas ações contribuíram para o desenvolvimento da sua autonomia e do seu conhecimento enquanto pesquisador.

Como resultado, indicam relações que poderemos investigar em estudos futuros, e que possibilitarão acrescentar descrições ao que temos denominado como modos de raciocínio característicos da pesquisa científica articulados à docência.

Em análise geral dos dados organizados nos Quadros 2, 3 e 4, podemos inferir que a autonomia do pesquisador educacional foi caracterizada tal como proposto em nosso estudo anterior – uma condição desse profissional, vinculada às suas ações, sob as variáveis interesse e liberdade, com especificidades que envolveram a natureza do trabalho e formação do pesquisador, e suas relações com a ética, a política e o conhecimento (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Todavia, a partir dos dados deste estudo acrescentamos descrições a essas relações, relativas às práticas de pesquisa e formação, e do exercício da docência realizados pelos pesquisadores; e compreensões mais abrangentes sobre as relações com as variáveis interesse e liberdade.

Ademais, preenchemos algumas lacunas citadas no final do nosso estudo anterior (Machado; Arruda; Passos, 2024), quais sejam: caracterizamos as relações dos pesquisadores com a autonomia e a ética, sob a presença do interesse; com a política, sob a presença do interesse; e com o conhecimento, sob a ausência do interesse.

Mas, tal como no estudo supracitado, não caracterizamos a autonomia e suas relações com a ética, sob a ausência do interesse e da liberdade; e com condutas não coerentes com a ética. Esse resultado expressa lacunas que deveremos preencher em estudos futuros. Outras considerações apresentamos a seguir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta proposta investigativa tivemos o objetivo de caracterizar a autonomia dos pesquisadores educacionais, a partir das relações que eles estabeleceram em seus processos de formação e prática profissional. Consideramos que, mediante os procedimentos metodológicos que adotamos e a qualidade das descrições contida nos relatos dos pesquisadores entrevistados, alcançamos tal objetivo.

Por conseguinte, caracterizamos a autonomia do pesquisador educacional como uma condição desse profissional, vinculada às suas ações, sob as variáveis interesse e liberdade, com especificidades que envolveram a natureza do seu trabalho

e formação, e suas relações com a ética, a política e o conhecimento (Machado; Arruda; Passos, 2024).

Também caracterizamos como uma atividade fundamental do pesquisador, relativa às suas capacidades para pensar, agir, dialogar, negociar, e formar-se sujeito, livre, responsável e capaz de transformar a sua realidade (Fartes, 2014; Severino, 2015; Berkenbrock-Rosito, 2019; Savi Neto; Fare; Silva, 2020; Maia; Medeiros, 2021; Caregnato; Miorando; Leite, 2022).

E como um direito, que possibilita ao pesquisador desenvolver suas pesquisas segundo os seus interesses; a capacidade do pesquisador de governar-se pelos próprios meios, realizar as próprias decisões segundo questões ético-morais; e um estado em que o pesquisador assume suas responsabilidades e expressa as suas ideias.

No contexto dessas caracterizações, observamos que os pesquisadores relataram as suas relações com a própria autonomia envolvendo alguns ambientes, como Universidades e Escolas, nos quais exerceram diferentes funções para a própria formação e prática de pesquisa. E citaram diferentes pessoas, como o orientador, integrantes de equipes de pesquisa, e responsáveis por instituições de ensino.

Nessas ocasiões, as práticas dos pesquisadores foram vinculadas a situações que envolveram o seu trabalho, o exercício da docência, e a própria formação, com ênfase em suas dificuldades, facilidades, valores, desejos, necessidades, esforços e estratégias. Por exemplo, manifestações a respeito de dificuldades para realização de coletas de dados e escolha do tema da pesquisa; desenvolvimento do trabalho sob a ausência da liberdade; facilidades e esforços para realizar as pesquisas em sua área de interesse; e formas de gestão da própria autonomia.

Neste estudo, destacamos a gestão realizada a respeito da autonomia e suas relações com a política, sob a presença e ausência da liberdade. E, evidenciamos que um mesmo pesquisador pode gerir a autonomia sob variáveis opostas, acerca de um mesmo projeto de pesquisa, em ambientes diferentes, com pessoas que têm funções distintas.

Em algumas situações, concomitante ao exercício da docência, observamos que a liberdade do pesquisador foi condicionada aos interesses da instituição na qual ele

trabalha. Nessas, a variável liberdade foi vinculada a uma condição de obediência do pesquisador a critérios relativos aos interesses globais e comerciais da IES. Por consequência, a presença do interesse de um ator (a IES) resultou na ausência da liberdade do outro ator (o pesquisador).

Não obstante, as relações com a liberdade também foram identificadas em outras situações em que os pesquisadores realizaram seus trabalhos sem se preocupar com cobranças, imposições externas, a eles e aos seus grupos de pesquisa.

No campo da pesquisa articulada à docência, também identificamos contribuições que as relações com a autonomia podem prover à prática docente do pesquisador, a partir de associações com os saberes que o pesquisador acessa e elabora durante as suas investigações científicas. Tais contribuições foram citadas no campo teórico, metodológico e didático. No entanto, neste estudo, não detalhamos tais relações e consideramos fazê-lo em estudos futuros.

No campo axiológico, apresentamos caracterizações a respeito dos valores éticos e político citados por Berkenbrock-Rosito (2019), quais sejam – a responsabilidade e o respeito, e o diálogo. Essas, envolveram ações dos pesquisadores atreladas à responsabilidade com o processo produtivo, com as práticas de pesquisa e com as instituições que participaram do seu trabalho e formação; e com o diálogo em negociações com pessoas, agências de fomento e instituições de ensino.

No campo das negociações descrevemos estratégias desenvolvidas pelos pesquisadores, nos contextos de formação e trabalho, com ênfase nas relações com o interesse. Tais estratégias incluíram mudar de programa de pós-graduação para atender o interesse pessoal pela área de pesquisa, estabelecendo relações com a autonomia sob a presença do seu interesse. E mudar de área de pesquisa e adaptar os temas aos recursos disponíveis na instituição em que trabalha, estabelecendo relações com a autonomia sob a ausência do seu interesse.

A partir de todo o exposto, propomos que os resultados que apresentamos neste estudo sejam utilizados na área de formação de pesquisadores educacionais, para elaborar atividades de aprendizagem que proporcionem, por exemplo, a construção de ambientes favoráveis para o desenvolvimento do conhecimento dos

pesquisadores; momentos de reflexão individual e coletiva; a elaboração de estratégias necessárias às atividades de negociação; a formação dos valores – respeito, responsabilidade, e diálogo; e de princípios ético-morais.

Por fim, consideramos que o fato de termos caracterizado a autonomia dos depoentes em diferentes situações de trabalho e formação, sob o uso do instrumento analítico que elaboramos, corrobora o potencial de aplicação do instrumento (Machado; Arruda; Passos, 2024).

E concluímos que, embora tenhamos avançado a respeito da caracterização da autonomia dos pesquisadores e da compreensão sobre as suas relações, temos vários elementos para explorar e lacunas para preencher em novos estudos.

Dentre eles, destacamos a subcategorização das variáveis interesse e liberdade; as estratégias de interlocução; as associações entre as práticas de pesquisa e de docência, e o desenvolvimento de modos de raciocínio do pesquisador; caracterização de outros valores envolvidos nas relações com a autonomia, como a verdade; relações com a ética sob ausência do interesse e da liberdade; relações atreladas às condutas não coerentes com a ética; formas de gestão da própria autonomia; e relações entre a autonomia e o uso de tecnologias digitais.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo apoio concedido para o desenvolvimento desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BERKENBROCK-ROSITO, M. Formação de Professores Pesquisadores: uma experiência de desenvolvimento da autonomia e da emancipação dos sujeitos. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 41-64, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/26028/14829>. Acesso em: 23 jun. 2025.
- BOGDAN, R. S.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12. ed. Porto: Porto, 2003.
- CAREGNATO, C. E.; MIORANDO, B. S.; LEITE, D. Domínios de ação de pesquisadores em Educação no Brasil. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. contínuo, p. 1-19, 2022.

FARTES, V. L. B. A cultura profissional dos grupos de pesquisa nos institutos federais: uma comunidade de práticas? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 44, n. 154, p. 850-874, 2014.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em Educação Matemática**: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

MACHADO, E. S.; ARRUDA, S. M.; PASSOS, M. M. Caracterização da autonomia do pesquisador educacional e elaboração de um instrumento de análise a partir do estudo da literatura. **Revista Exitus**, Santarém, v. 14, n. 1, p. 01-25, 2024. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ufopa.edu.br/index.php/revistaexitus/article/view/2600/1561>. Acesso em: 14 ago. 2025.

MAIA, J. M. E; MEDEIROS, J. Autonomia e trabalho intelectual na pós-graduação em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 228-255, 2021.

SAVI NETO, P.; FARE, M. De La; SILVA, D. S. da. Ética, autonomia e pesquisa em educação: questionamentos à regulação brasileira da conduta dos pesquisadores. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 25, jan. 2020.

SEVERINO, A. J. Ética e pesquisa: autonomia e heteronomia na prática científica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 776-792. 2015.

HISTÓRICO

Submetido: 01 de Ago. de 2024.

Aprovado: 07 de Nov. de 2024.

Publicado: 12 de Set de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO - ABNT:

MACHADO, E. S.; ARRUDA, S. M.; PASSOS, M. M. Caracterização da Autonomia dos Pesquisadores Educacionais a Partir de Relatos Sobre Seus Processos de Formação e Prática Profissional. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 29, n.61, 2025, eISSN:2526-8449.